

APRESENTAÇÃO

Ana Isabel Correia Martins
Universidad Complutense de Madrid (España)
ancorreai@ucm.es
<https://orcid.org/0000-0001-8342-8763>

Tacere qui nescit nescit loqui, afirma o dominicano Frei Luís de Granada (1504-1588), no seu manancial paremiológico e enciclopédico, a *Collectanea Moralis Philosophiae*, no decalque da sentença senequiana. Este saber proverbial, em estrutura quiástica, sugere que a boa capacidade de nos expressarmos depende também da habilidade de manusear com rigor e precisão os silêncios, pausas e suspensões. Séneca ensinara a Lucílio que *os desgostos da vida ensinam-nos a arte do silêncio*, como se a contenção da palavra fosse sinónimo de prudência e sabedoria. Erasmo também aprofundou esta ideia definindo *o silêncio como o lugar ameno de uma amizade salutar*. Dependendo, portanto, das realizações semântico-pragmáticas, o silêncio pode consubstanciar uma panóplia de sentidos, revestir-se de forma camaleónica de algo e do seu contrário: conforto ou incômodo, fascínio ou desprezo, descontração ou tensão, serenidade ou angústia. Pode ainda representar um encontro introspectivo do indivíduo consigo próprio e/ou de afastamento dos outros, pode ser clausura e/ou libertação, pode estar ao serviço tanto dos cúmplices como dos culpados. Em cenário de doença é luto, em cenário de guerra é morte, em cenário idílico é paz. Se o teatro se serve dos silêncios nas suas pausas dramáticas, para efeitos trágicos, também potencia no suspiro o expediente da comédia. A elipse, a ambiguidade e a sinédoque são a base dos jogos linguísticos e de humor, entre tantos outros tropos e figuras retóricas que proliferam na oratória política, nos meandros publicitários, ou em qualquer contexto da *ars bene dicendi*, que apele à tríade retórica do *ethos, logos, pathos*.

Este dossier da revista *Rétor* debruça-se sobre as manifestações do silêncio, tentando apreendê-lo enquanto arte, teoria e conceito, na interdisciplinaridade a que nos convida, nas muitas latitudes temáticas e epistémicas: literárias, filosóficas, historiográficas, políticas. Tenhamos como pano de fundo as seguintes questões: qual é o lugar consagrado ao silêncio ao longo do Tempo e do Espaço? Poderá o silêncio ser um meio de resistência, capaz de aprofundar, decantar e preservar algo incólume à erosão do Tempo? E afinal, será que é o silêncio que guarda a última palavra?